

BTH

2022

BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS

GUIMARÃES . SÉRIE III . VOL.XI 2022

FICHA TÉCNICA

Boletim de Trabalhos Históricos
Série III
vol.XI

Diretora/coordenação
Alexandra Marques

Edição e Propriedade
Arquivo Municipal Alfredo Pimenta
Rua João Lopes de Faria, 12
4810-414 Guimarães

Impressão
Centro Juvenil São José

Design Gráfico
Maria Alexandre Neves

Periodicidade
Anual

Tiragem
200 exemplares

ISSN
0871-7478

Depósito legal
Nº 41482/90

NB: Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autore(s).

ÍNDICE

Editorial

pág. 9

Um palco de teatro nacional em Guimarães A primeira década de funcionamento do Teatro D. Afonso Henriques – 1855-1865

Inês Lago

pág. 13

Mário Bonito: Estádio de 1958 para Guimarães Gênese de um Projeto-conceito

Helder Casal Ribeiro, Sílvia Ramos

pág. 49

O campo de jogos: narrativas socio-espaciais do futebol amador no território difuso de Guimarães

Miguel Fernandes

pág. 69

Dom Manuel Afonso da Guerra

Maria Adelaide Pereira de Moraes

pág. 103

**Um palco de teatro
nacional em Guimarães
A primeira década de
funcionamento do Teatro
D. Afonso Henriques
– 1855-1865**

Um palco de teatro nacional em Guimarães A primeira década de funcionamento do Teatro D. Afonso Henriques – 1855-1865

Inês Lago

RESUMO

Este artigo versa sobre a primeira década de funcionamento do Teatro D. Afonso Henriques, entre os anos 1855 e 1865. Tomando como ponto de partida o mapeamento dos artistas e companhias de teatro profissional portuguesas que actuaram no novo teatro de Guimarães ao longo desses anos, analisamos este fluxo de artistas sob a lente da efectivação do projecto liberal em acção na cidade. Concluímos da importância deste teatro na vida sociocultural vimaranense, e de como representa um importante marco na democratização do acesso à cultura e na afirmação de Guimarães enquanto centro de fruição cultural na segunda metade do séc. XIX português.

palavras chave: Teatro, História do Teatro, Guimarães, Teatro D. Afonso Henriques, Teatro Nacional, Companhias de Teatro, Século XIX.



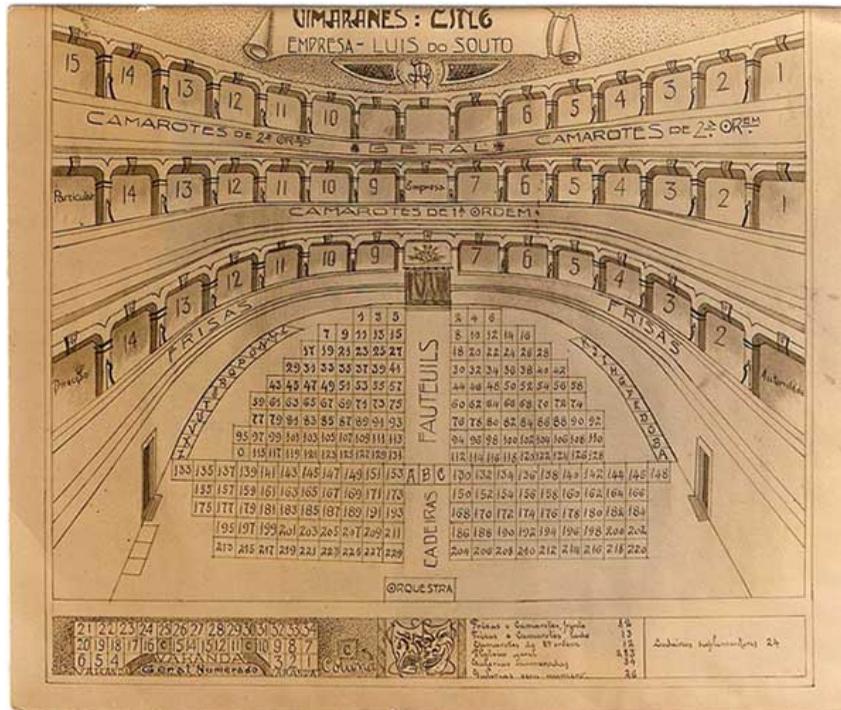
Fachada do Teatro D. Afonso Henriques, c. 1910, Coleção de Fotografia da Muralha, PTRMGMRFCMo245

À cidade de Guimarães, marco inicial da história e da geografia de Portugal enquanto estado-nação, nunca bastou ser a mãe simbólica de um país. Nem que a partir dela se tenha forjado um horizonte bem mais largo do que o que encerram as suas muralhas. Se tivéssemos de fazer uso das ferramentas que estruturaram o nosso pensamento académico, e que se movem pela antropologia cultural, talvez apontássemos no sentido de uma certa incorporação da mitologia primordial, e invocássemos uma mãe cuja relação com o filho se baseia no medo de ser trancada numa torre até que o resto do mundo esqueça a sua existência. Talvez por isso, como uma mãe implicativa por falta de atenção, o exercício da *vimaranensidade* se prenda constantemente a minudências tais como as dos nascimentos de D. Afonso Henriques ou de Gil Vicente. Tendo em conta que Guimarães pode reivindicar a condição de berço de todo um país, parece-nos redundante reclamar de forma tão apaixonada o sítio de nascimento do adolescente que resolveu levar tudo à frente e fundar o seu próprio reino. Já em relação ao dramaturgo, cujos registos históricos pouco indicam da sua relação com Guimarães, a que não fez qualquer alusão em toda a sua obra, parece-nos que essa reivindicação não estará desligada do facto de Guimarães nunca ter deixado esmorecer a importância da sua relação com a arte teatral, que desde muito cedo se faz notar na tradição e na historiografia vimaranenses.

A invocação do nome de Gil Vicente na defesa do lugar que o teatro deve ocupar em Guimarães é bem anterior à criação de um festival com o seu nome e a relação de Guimarães com o teatro já se teria feito sentir bem antes de a obra de Gil Vicente ter saído da corte. Porém, passarão quase três séculos até que resolvam dar o seu nome a um barracão e mais alguns anos ainda até que lhe promovam uma homenagem com direito a fogo de artifício e promessas de monumento. Será então, de alguma forma, lógico, numa perspectiva de hierarquia mitológica, que à primeira sala de espectáculos pensada e construída de raiz em Guimarães se tenha dado o nome de Teatro D. Afonso Henriques.

Tendo-nos proposto desenvolver uma leitura histórica da relação de Guimarães com as artes performativas, no âmbito de um projecto de investigação apoiado pela Câmara Municipal de Guimarães, munimo-nos também da tradição veiculada pela transmissão oral, mas que os documentos históricos não validam, para traçar o início desta jornada precisamente no mito fundador do teatro em Portugal, com a apresentação do *Auto da Visitação* de Gil Vicente à corte, em 1502.

Quando coligidas algumas fontes de informação disponíveis até aos inícios do século XX, percebemos que a inauguração, em 1855, do Teatro D. Afonso Henriques, acompanha a transformação sociocultural então em curso. Duas décadas antes, o projecto político e cultural de Passos Manuel, que privilegiava a promoção do ensino, formulara a visão de um teatro que contribuísse para o desenvolvimento cultural das populações. O projecto liberal, que vinha sendo desenhado desde os finais do século XVIII, sofreu, desde a sua implantação, consecutivos reveses. Mas os progressistas do burgo não o esqueceram. O Teatro D. Afonso Henriques foi fruto daquele ideário progressista e representa um marco na história cultural vimaranense, sendo a primeira instituição a juntar, de forma sistemática, classes sociais distintas no mesmo edifício e do mesmo lado da barricada: a do público.



A sala do Teatro D. Afonso Henriques 1919, quando ali funcionou o Guimarães-Cine. Reprodução fotográfica de desenho, da colecção de J. M. Torcato Ribeiro.

A existência de casas públicas de espectáculos em Guimarães data, pelo menos, de 1769. Ainda antes, encontram-se referências à vinda de companhias de fora com intenção de actuar na vila que vão tão longe quanto 1679 e é notória a actividade cultural dos amadores vimaranenses (ou dos *curiosos*, como eram nomeados), particularmente dos estudantes – muitas vezes em exhibições associadas ao culto de S. Nicolau. No entanto, as apresentações teatrais realizavam-se entre barracões e salões improvisados, espelhando as dinâmicas e as divisões da sociedade vimaranense. Os salões aristocráticos abriam as portas à elite social para *soirées* que incluíam, não raras vezes, para além dos bailes, concertos, declamações poéticas e, ocasionalmente, cenas dramáticas, geralmente preparadas por jovens fidalgos. Para esta classe, o teatro não seria vivido em Guimarães, mas nas suas deslocações a centros urbanos mais desenvolvidos. A rua e os barracões acolhiam companhias itinerantes de cariz popular, cujos elencos pertenceriam à mesma classe daquela a quem se dirigiam as suas representações: a do povo. Aos rapazes aristocratas era permitida a transgressão, sendo tolerado que frequentassem e usufríssem desses espaços, desculpados pela mesma complacência que a passagem à idade adulta sempre colheu em qualquer sociedade. Afinal, os ritos de passagem são isso mesmo: passageiros. No entanto, é suposto que estes estados de liminaridade, de enevoamento dos limites, de transposição de fronteiras, transformem os seus agentes de alguma maneira. E, como estas fórmulas de entendimento podem servir diferentes matérias, assumimos que também a sociedade tem os seus estádios de desenvolvimento e os seus ritos de passagem entre sistemas e maioridades.

Ao tempo aqui observado, entre 1855 e 1865 – a primeira década de funcionamento do Teatro D. Afonso Henriques – parece-nos corresponder um momento liminar na construção da nossa sociedade, em que as fronteiras de classe são transpostas para nunca mais voltarem a fechar-se da mesma forma. O Teatro D. Afonso Henriques reflecte, no microcosmo vimaranense, o lugar-espelho dessa liminaridade: a casa de espectáculos que quer substituir-se aos salões aristocráticos não poderá sobreviver sem as assinaturas do público mais humilde. Essa faixa da população, que atende e avia e embrulha e dá o troco, do outro lado do balcão, tem a partir de agora a oportunidade de assistir aos mesmos acontecimentos artísticos que até então seriam privilégio do aristocrata. E, mesmo que o seu lugar não seja tão confortável, mesmo que do seu assento a vista não seja tão desafogada: as classes continuarão a dividir-se entre camarotes e plateias, mas o tempo – o acontecimento que partilham – é o mesmo. O povo começa finalmente a ocupar o seu lugar numa cultura que até então lhe estava vedada.

As críticas de então parecem corroborar esta ideia de uma sociedade em mutação: ao longo destes primeiros tempos, os jornais de Guimarães dispensam muitas das vezes mais linhas à crítica aos espectadores, que não saberiam comportar-se, do que ao espectáculo. A confrontação de uma imprensa aristocrática com um público que não estaria familiarizado com a etiqueta dos salões já havia sucedido anos antes, na capital. No entanto, deparamo-nos também, na imprensa vimaranense, com algumas farpas dirigidas às “grandes famílias”, por falta de comparência. Aprofundaremos as dinâmicas socioeconómicas do público vimaranense num momento futuro da nossa investigação, mas poderemos adiantar a ideia de que o destino da produção cultural deste tipo de objectos artísticos não se alterou muito desde aquela época. A produção artística irá aumentar na medida em que cresce a burguesia, mas manterá o grupo de público que aqui se abriu: aqueles que se posicionam entre os mais ricos e os mais pobres, ou seja, a classe média.

Em Portugal, a ideia de um Teatro Nacional focado na criação de uma identidade colectiva que impulsionasse a população num sentido comum, mais livre e mais justo, começa a tomar corpo a partir de 1836, com a formalização de um Teatro Nacional, sustentado pelo Conservatório Geral de Arte Dramática. Este novo projecto de teatro seria orientado para a criação e representação de dramas históricos que, provavelmente com a memória ainda fresca de uma certa união nacional face às Invasões Francesas, apelassem a um sentimento patriótico capaz de reunir as hostes em torno de um mesmo propósito e fazer superar as feridas que a Guerra Civil havia aberto entre 1832 e 1834. Com a criação do Conservatório Geral de Arte Dramática, ambicionava-se ao mesmo tempo arrancar da fome uma faixa da população urbana mais empobrecida.¹ Tempos extraordinários aos nossos olhos, esses, em que o teatro conseguia tirar muita gente da miséria. O edifício do Teatro Nacional D. Maria II seria concebido para ostentar o luxo da corte e dos salões aristocráticos, não negando, ao mesmo tempo, a entrada à burguesia.

A vida curta do governo de Passos Manuel não impediu, contudo, que o projecto liberal continuasse a fazer o seu caminho. A política nacional mantém-se profundamente acesa por todo o país e uma rápida passagem pela imprensa local da época demonstra-nos que as lutas entre conservadores e progressistas não são, de todo,

¹ VASQUES, Eugénia, *A Escola de Teatro do Conservatório*, p. 135.

alheias à política vimaranense. Tal como nos dias de hoje, o binómio conservador e progressista reflecte-se nas políticas culturais das sociedades. E, por política cultural, não entendemos somente o apoio da parte dos que governam, ou seja, a disponibilização de verbas para o acto cultural, mas também os esforços efectivos, por parte de organizações ou indivíduos, que tenham concretização e exerçam real influência na cultura de grupos e comunidades. Encontrando-nos num ponto da nossa investigação que já nos vai permitindo discernir algumas pedras-de-toque da relação dos vimaranenses com o teatro, vemos a construção do Teatro D. Afonso Henriques como claro exemplo daquilo de que a vontade colectiva é capaz. As forças progressistas vimaranenses insistiam num projecto de teatro para Guimarães desde 1836, tendo a Sociedade Patriótica Vimaranense discutido e aprovado, em Janeiro desse ano, uma proposta para a instalação de um Teatro Nacional na velha urbe. O projecto, que terá sido remetido ao Governo e inicialmente bem acolhido pela rainha, acabaria por não ter despacho favorável. Passos Manuel, a 28 de Setembro desse ano, publicou a portaria que nomeia Almeida Garrett responsável pela redacção de um plano para a fundação e organização de um teatro nacional. Acerca desta coincidência temporal falaremos noutra ocasião, interessando-nos por agora unicamente salientar que Passos Manuel, Almeida Garrett e as figuras da aristocracia letrada vimaranense que assumiram a Sociedade Patriótica terão cozinhado o seu liberalismo no mesmo caldeirão social, político e cultural: a academia de Coimbra. E se a criação de um verdadeiro teatro que servisse os desígnios da elite progressista vimaranense se vê barrada por indeferimento do poder central, os esforços para a sua construção não fenecem. No entanto, passariam duas décadas até que Guimarães concretizasse a ambição de ter um teatro condigno.

Decorre o ano de 1853, aquele em que a rainha Dona Maria II elevou a vila de Guimarães a cidade. Havia quatro anos que as actividades teatrais do burgo aconteciam num salão reconvertido do extinto Convento de S. Francisco. No Campo da Feira, iniciava-se a construção do novo teatro. As acções da empresa que nasceu para promover o empreendimento têm boa procura. Guimarães terá finalmente uma casa de espectáculos erigida de raiz, onde os artistas mais aplaudidos da capital (que vinham adquirindo um novo estatuto social e, muitos deles, caprichos próprios de vedetas) quereão actuar, onde a aristocracia culta poderia usufruir de uma certa ilusão de cosmopolitismo e uns tantos ganhavam espaço para pavonear as suas cartolas e os seus vestidos. Será também o local onde essa nova classe de trabalhadores assalariados que compõe o tecido urbano em crescimento poderá encontrar distração para as suas horas de ócio. Quem nunca chegará a conhecer o novo teatro da mais recente cidade do país será a infausta rainha Dona Maria II, que morrerá em Novembro deste ano de 1853.

A empreitada, permanentemente acompanhada pela curiosidade dos vimaranenses, não seria isenta de incidentes. Segundo conta o Padre Ferreira Caldas, a 14 de julho de 1854 dá-se uma tragédia na construção do teatro, da qual resultam cinco mortos e vários feridos². João Lopes de Faria, através da consulta dos livros de entradas e óbitos do Hospital da Misericórdia, vem mais tarde corrigir esta data, situando o acidente a 5 de Julho, dia em que deram entrada no hospital vários carpinteiros e se procedeu ao registo das mortes de mais dois operários que teriam falecido no local³. Esta não é a única discrepância de informações entre Caldas e Faria: o primeiro afirma que o teatro terá sido inaugurado para os bailes de Carnaval de 1855, o segundo coloca a abertura

2 CALDAS, António José Ferreira, *Guimarães, Apontamentos para a sua História*, p. 127.

3 FARIA, João Lopes de, *Efemérides Vimaranenses*, 5 de Julho.

em Agosto do mesmo ano. Lopes de Faria dá também conta de que, a 31 de Maio de 1855, as obras avançavam com afinco, sendo esperada a abertura do teatro na noite da aclamação do novo rei. É certo que, ao contrário do autor das *Efemérides Vimaranenses*, que só nasceu em 1860 e se baseia em notícias colhidas nos jornais, o Padre Caldas viveu o tempo dos acontecimentos que reporta. Contudo, a inauguração descrita por Lopes de Faria é demasiado pormenorizada para não ser de alguma maneira sustentada, apesar de lhe encontrarmos detalhes diferentes daqueles que encontramos nos jornais da época. É, portanto, admissível que ambos os autores tenham razão. O teatro, ainda em construção, terá aberto parcialmente para os bailes de Carnaval desse ano, tendo a sua inauguração oficial ocorrido na data avançada por João Lopes de Faria, o que é confirmado pelos relatos da imprensa da época.

A 12 de agosto de 1855, um mês e poucos dias antes da aclamação de D. Pedro V, é inaugurado o Teatro D. Afonso Henriques. Lopes de Faria afirma ter sido apresentado o drama histórico de José da Silva Mendes Leal, *Os dois renegados*, tendo o violinista vimaranense Francisco Sá de Noronha tocado nos intervalos algumas composições de sua autoria. Sendo verdade a parte que refere o concerto de Sá de Noronha, os espectáculos apresentados, segundo o que foi noticiado na época pelo jornal *O Bracarense*, terão sido o drama *Poesia ou Dinheiro*, de Camilo Castelo Branco e a farsa *O Fenómeno*, interpretados por amadores, possivelmente ensaiados por João Machado Pinheiro, Visconde de Pindela e futuro presidente da Câmara de Guimarães, a quem são dirigidos elogios à *preparação* do teatro. O Visconde de Pindela foi dos maiores impulsionadores da construção do edifício e fez parte da direcção do teatro, sendo referido, uns anos antes, como ensaiador de um espectáculo levado à cena pelos Sargentos do Batalhão de Caçadores 7, então estacionado em Guimarães. É, portanto, plausível que estivesse por trás das representações levadas a cena nessa noite, como parecem indiciar as notícias dos jornais, sem o referirem expressamente. Foram também recitadas diversas poesias por poetas de Guimarães e do Porto. Até o sempre discreto Francisco Martins Sarmiento, então ainda muito jovem, recitou efusivamente, da plateia, uma das suas poesias. Esse momento da noite inaugural daria que falar nos tempos seguintes, por ter sido o ponto de partida para uma polémica com vários episódios que marcou o fim da aventura poética sarmentina.

THEATRO NACIONAL.
 DEBAIXO DA DIRECÇÃO.
 DE
Antonio José dos Santos
 Terça feira 8 de Dezembro,
 EM BENEFICIO DA COMPANHIA.

Logo que os professores da banda de caçadores 7, lenham desempenhado uma magestosa symphonia, a Companhia de Declamação representará o Drama em 2 actos que tem por titulo

ARTHUR OU HA 16 ANNOS.

Findo este, terá lugar a representação da linda comedia em 2 actos

O CONDE DE PARAGARA

Terminará o espectáculo com a jocosa comedia em um acto.

A RODA VIVA.

E' com este espectáculo que a Companhia faz o seu debute, a qual espera dos benignos habitantes desta cidade, a sua protecção e indulgencia.

(290) Principiará ás 7 horas e meia.

Anúncio de espectáculo no Teatro D. Afonso Henriques publicado no jornal A Tesoura de Guimarães de 4 de Dezembro de 1857.

Apresentado o teatro aos vimaranenses do século XIX e aos leitores que nos acompanham, atalharemos agora para a reconstituição cronológica que aqui nos traz. O Teatro D. Afonso Henriques cumprirá, ao longo de várias décadas, as funções de sala de concertos e espectáculos de teatro, prestidigitação e acrobacias, de salão de baile, de exposições e de reuniões de variadas associações vimaranenses. Será também palco de batalhas entre accionistas da empresa, que não tardarão a ver-se obrigados a rever os respectivos estatutos.

Por agora, a nossa atenção irá prender-se com os artistas profissionais de teatro que pisaram as tábuas do palco do Teatro D. Afonso Henriques durante os primeiros anos do seu funcionamento. Amigos e familiares dos que actuavam encheriam facilmente, tal como hoje, a plateia de um espectáculo de amadores. Mas, para compor uma plateia de um espectáculo de uma companhia vinda de fora, tornando-o comportável economicamente,

seria preciso juntar um público diversificado, originário de diferentes classes sociais. E falamos de uma altura em que os poucos subsídios estatais eram atribuídos exclusivamente aos Teatros Nacionais (D. Maria II, S. Carlos e S. João). Ou seja, os espectáculos realizados no Teatro D. Afonso Henriques estariam totalmente dependentes da receita das bilheteiras.

À época, era prática frequente organizarem-se *excursões à província*, com companhias reduzidas ou constituídas especificamente para esse efeito. O rendimento dos teatros não compensaria as despesas de levar uma companhia completa e poucos teatros, dos muitos que Portugal tinha já então espalhados pelo país, teriam condições para as acolher, mesmo com elencos reduzidos. O teatro de Guimarães serviu de palco a algumas destas companhias que se improvisavam para as temporadas fora de Lisboa e Porto. Mas Guimarães também seria uma das poucas terras contempladas com a visita de companhias plenas. E, se nunca tal deixará de acontecer a partir daí, se aconteceu ainda durante o século XIX, foi devido à existência do Teatro D. Afonso Henriques e das bases que serão lançadas logo nos seus primeiros anos de actividade. Sem esta infraestrutura, não teria sido possível acolher grande parte dos espectáculos e companhias que visitaram Guimarães ao longo da segunda metade do século XIX. Tal como não seria possível albergar gentes de berços tão distintos num mesmo espaço, com tudo o que isso poderia implicar no desenvolvimento de uma sociedade com dinâmicas e convivências salutares. Foi este edifício o catalisador do envolvimento da população vimaranense – e não apenas de um círculo abastado – com a *sua* cultura.

Se o nosso interesse recaí, de momento, sobre os artistas que passaram por Guimarães, é por considerarmos que perceber quem vem de fora é também entender quem está dentro. Num primeiro mapeamento das companhias que visitaram a cidade por aquela altura, deparamo-nos de imediato com uma dificuldade: nem sempre, nos registos administrativos e na imprensa, há consenso na designação das estruturas. Uma companhia pode ser anunciada num dia como “companhia cómica” e no seguinte como “companhia dramática”, por exemplo. Encontramos “companhias nacionais” lisboenses e portuenses, mas nem sempre, no cruzamento dos textos apresentados ou dos actores nomeados, conseguimos afiançar com certeza se se trata verdadeiramente de companhias, de sociedades de actores formadas dentro dos elencos contratados pelos teatros nacionais, ou se estaremos na presença de companhias que se autodenominam “nacionais” por golpe publicitário, esperando arrecadar mais público através do uso de uma denominação geralmente associada aos grandes teatros de Lisboa e Porto. Quando comparamos os nossos registos com situações análogas, como é o caso de Aveiro, Coimbra e Porto, percebemos que teremos muitas vezes recebido as mesmas companhias e espectáculos, mas ainda não encontrámos testemunhos que permitam aclarar esta questão. Também a identificação dos actores, directores e ensaiadores se revelou bastante complexa. Em algumas situações, podemos inferir estarmos perante actores regionais, possivelmente amadores, contratados localmente para incrementar as companhias de excursão, quase sempre reduzidas para poupança de custos. Noutros casos, tendemos a acreditar que, tratando-se de actores em início de carreira, ou cuja carreira ainda não se estreou em Lisboa ou no Porto, não estarão fixados os nomes artísticos por que não-de ficar conhecidos, tal é a semelhança de nomes e percursos. Se, no início da nossa investigação, nos focámos nos actores que compunham estas companhias pelo facto de ainda não existir a figura do encenador, ao longo do processo fomos percebendo que estes dados poderão contribuir para um

futuro estudo, que pretendemos desenvolver, sobre a composição sociológica das principais companhias de verão que actuaram em Portugal.

Para simplificar o processo de leitura deste texto, optamos, tanto quando possível, pela economia no aparato de notas e referências bibliográficas, que seriam excessivamente repetitivas sempre que aqui tratamos da identificação dos artistas que passaram pelo Teatro D. Afonso Henriques. Assim, registamos que, salvo informação em contrário, a identificação nominal das figuras do meio teatral que são tratadas neste artigo é feita com base no livro *A Carteira do Artista*, de Sousa Bastos, editado pela primeira vez em 1898, e nos verbetes do *Dicionário do Teatro Português*, do mesmo autor, editado pela primeira vez em 1908. As datas e as representações no Teatro D. Afonso Henriques dos anos aqui trabalhados constam nos *Documentos Copiados*, de Lopes de Faria, manuscrito da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, Vol. II, folhas 61 a 66v.

Se, no ano de abertura do novo teatro, não encontrámos registos de visitas de companhias de fora, já em 1856, entre 2 e 26 de Agosto, a Companhia Nacional do Real Theatro de S. João, sob direcção de Abel Augusto da Costa, instala-se no Teatro D. Afonso Henriques para doze noites de espectáculos, representando um total de vinte e oito comédias diferentes.

O Actor Abel (1824-1882), como ficou conhecido, era natural de Viana do Castelo. Era ainda muito novo, com apenas 14 anos, quando terá fugido de casa com o intuito de tornar-se actor. Por aqueles dias, o seu vínculo ao Teatro de S. João durava há pelo menos dez anos. Um pouco mais tarde, em 1861, dirigirá uma pequena companhia em Braga, mas será a partir de 1864, ano em que integra o Teatro do Ginásio, em Lisboa, que ganha maior notoriedade. Nos anos seguintes passa pelo Teatro das Variedades Dramáticas e pelo Teatro da Rua dos Condes. Tornará ao Porto em 1875, contratado pelo novo Teatro da Trindade, passando ainda pelo Teatro Baquet e pelo Teatro do Príncipe Real. Voltará a Guimarães, e ao Teatro D. Afonso Henriques, mais algumas vezes.

Ainda em 1856, na noite de 28 de Novembro, o célebre actor Taborda sobe ao palco do Teatro D. Afonso Henriques com duas cenas cómicas.



O actor Taborda, litografia da Revista Contemporânea Portugal-Brasil, ano III, n.º 4. 1861

Francisco Alves da Silva Taborda (1824-1909), que havia iniciado a sua carreira dez anos antes, no Teatro do Ginásio, em Lisboa, é até hoje lembrado como um dos grandes actores portugueses. Para isso, muito terá contribuído o facto de ter corrido toda a província. Apresentava-se, muitas vezes, “em benefício”, ou seja, oferecendo a actuação para que as receitas de bilheteira pudessem reverter para indivíduos, instituições, ou os próprios colegas de profissão. Nesta noite, Taborda apresentou-se a benefício do pianista Eduardo Borregon, que também terá tocado nos intervalos. Taborda terá uma longa e profícua carreira, apresentando-se em Guimarães por diversas ocasiões e com bastante sucesso. Não terá sido o caso desta noite: segundo a imprensa, o espectáculo terá agradado bastante, mas a concorrência de público terá sido escassa.

No final do ano seguinte, em Dezembro de 1857, o teatro de Guimarães volta a receber uma companhia, cuja estadia se prolonga até Fevereiro do ano seguinte. Nomeada, nos registos do teatro, como “Companhia Nacional” e “Companhia Cómica Nacional”, e na imprensa como “Companhia Nacional” e “companhia nacional de declamação”, duas das peças que constam nos registos das actuações indicam-nos, num primeiro momento, a direcção do Teatro do Ginásio, de Lisboa. Foram representadas as peças *O Conde de Paragará* e *Mariquinhas, a Leiteira*, da autoria de Aristides Abranches (1832-1892). A primeira, uma comédia, foi a estreia de Abranches como dramaturgo. Foi representada pela primeira vez no Teatro do Ginásio, segundo Sousa Bastos, a 8 de Julho de 1855, tendo Abranches oferecido ao mesmo teatro, logo de seguida, a comédia *Mariquinhas, a leiteira*. Sousa Bastos documenta também uma récita extraordinária no Teatro de S. Carlos, em benefício de pobres do Algarve, realizada no ano de 1856, a que a companhia do Teatro do Ginásio terá oferecido esta última comédia. Com base nas informações disponíveis, ainda não conseguimos, contudo, estabelecer qualquer certeza sobre qual seria, ao certo, esta companhia. Tanto os registos do teatro como a imprensa dizem-nos que esta “Companhia Nacional” estaria “debaixo da direcção de António José Santos”. A única menção que encontrámos até agora a António José dos Santos é na dissertação de Daniel Rosa, que o refere como artista da companhia do Teatro do Príncipe Real, do Porto, em 1890⁴. Os actores que actuaram com a companhia em Guimarães foram os seguintes: Cândida Guilhermina, Fortunato Moreira, Filipe José Baptista, Gertrudes Magna da Silva, Santa Bárbara, Viana, João Pinto Soares e sua filha Maria Soares. Uma das noites desta companhia no Teatro D. Afonso Henriques terá sido realizada em benefício de Pinto & Com.^{pia}. De José Maria de Santa Bárbara, sabemos que, em 1865, estaria para embarcar para o Brasil com a companhia Macedo⁵. De Guilhermina, Moreira, Baptista e João e Maria Soares não conseguimos reunir informações. O mesmo sucede com Gertrudes Magna, que ignoramos quem seria. Sabemos que Gertrudes Rita da Silva (?-1888) foi uma actriz desta época, que terá estreado a sua carreira em 1850, tendo estado sempre ligada, em Lisboa, ao Teatro D. Maria II, sabendo-se que também terá visitado o Brasil. À época, encontramos um actor Viana que estaria vinculado ao Teatro Nacional D. Maria II, assim como Emília Cândida (1823-1918). Também não encontramos qualquer referência, até ao momento, a “Pinto & Comp.^{ia}.” (assim consta não só na cópia de Lopes de Faria, mas também nas notícias da imprensa). Já Pinto de Campos (1833-1889) é um actor bastante referenciado nos registos da segunda metade do século XIX. Terá iniciado a sua carreira em 1855, no Teatro da Rua dos Condes. Em 1858, estaria contratado no Porto, no Real Teatro de S. João, tendo sido contratado pelo Teatro D. Maria II em 1860. Segundo as crónicas, a recepção à companhia foi, no geral, bastante boa.

Terminada a carreira desta Companhia Nacional, entram em cena os Hermanos Munnés: Juan e Camilla Munné constituíam uma das muitas companhias espanholas de zarzuela que então proliferavam por toda a Espanha. As zarzuelas eram operetas dramáticas que, apesar de libertas da rigidez formal e técnica da ópera lírica, mantinham uma complexidade musical e dramática capaz de sentar na mesma plateia o público erudito e o popular. Foram realizadas sete funções, entre Abril e Maio de 1858, tendo a companhia acumulado simpatia entre a população vimaranense durante a sua permanência na cidade.

4 ROSA, Daniel, *O Bairro Teatral: Recreio da Vida Portuense*, p. 220.

5 Ver nota 6.

Em Fevereiro de 1859, o Teatro D. Afonso Henriques é ocupado pela Companhia Dramática do Macedo. André Augusto Xavier de Macedo⁶ (1821-?) foi actor, ensaiador e director da companhia a que dava o nome. A sua carreira artística começou no Teatro D. Fernando, tendo passado pelo Teatro D. Maria II, mas foi com a sua companhia que percorreu o país, incluindo as ilhas, e o Brasil. No elenco trazido a Guimarães encontramos os seguintes actores: Antónia Joaquina (1ª dama), Florinda Cândida de Macedo, José João (1º galã), Jorge Paes do Amaral, José Joaquim da Silva, Luís Cardoso Vilela, António José de Faria, Augusto de Carvalho, José António Praxedes dos Santos, Emília dos Santos Rosa. As exhibições estendem-se até Maio. Numa das noites em que estiveram no Teatro D. Afonso Henriques foi oferecido um benefício pela actriz Emília Adelaide (1836-1905), mas não conseguimos estabelecer que aquela actriz fizesse parte da companhia ou que tivesse estado presente. Emília Adelaide, que se estreou no Teatro Nacional D. Maria II em 1856, e que manteve, durante muitos anos, um relacionamento com o dramaturgo Ernesto Biester (1829-1880), é recordada como uma das grandes atrizes do teatro nacional, apesar de um final de carreira menos brilhante. O ponto da companhia foi José João da Silva. Antónia Joaquina Pereira da Fonseca, mencionada em várias fontes como Antónia Macedo, era casada com o actor Macedo.⁷ Antónia Macedo teria iniciado a sua carreira de actriz precisamente na companhia de Macedo, tendo com ela percorrido as províncias, ilhas e Brasil. Existia nesta altura um actor Amaral (?-1892), do Porto, muito conhecido a norte e que terá feito parte de várias companhias. António José de Faria estreou-se em 1854 no Teatro da Rua dos Condes e pouco terá actuado. Ter-se-á revelado um grande aderecista, cargo que ocupava no Teatro D. Maria II, quando morreu. Quanto a Florinda, é possível que seja a filha de Macedo e de sua mulher Antónia, mas também poderá ser a sua prima Florinda Macedo (1845-1896), que seria sobrinha de Macedo e de Emília Cândida. Florinda, filha de Macedo, de quem desconhecemos a data em que viria a casar com o escritor António Mendes Leal, adoptando o nome de Florinda Mendes Leal, representou apenas na companhia do seu pai e é tida como actriz de mérito. A outra Florinda Macedo, sobrinha do actor Macedo, estreou-se no Teatro do Ginásio com apenas 14 anos e teve uma longa carreira que passou pelo Trindade e terminou no Teatro D. Maria II. A Companhia do Macedo retornou a Guimarães em Abril de 1860, actuando no D. Afonso Henriques até ao final de Maio.

Em Junho de 1860, instalou-se no Teatro D. Afonso Henriques a “Companhia Nacional Santos” para quatro funções. Apurámos a presença dos seguintes actores: Firmina do Carmo e Firmina dos Santos (não temos certeza se não seriam a mesma pessoa), António dos Santos Pereira, A. C. de Sá. Esta Companhia Nacional poderá ser a companhia do Teatro Nacional D. Maria II dirigida por José Carlos dos Santos que, no ano desta digressão, ali está indicado como actor e ensaiador. José Carlos dos Santos (1833-1886) foi actor, ensaiador, escritor e um dos grandes pensadores do teatro em Portugal. A única artista chamada Firmina que conseguimos encontrar é Firmina Aguiar, uma bailarina a quem Santos terá protegido, tentando fazer dela actriz. Acabará por rumar a

6 Em algumas das fontes, o actor Macedo aparece identificado como António, e não como André, o que admitimos que possa ter origem num erro de transcrição de uma abreviatura, que seria sucessivamente replicado por diversos autores, nomeadamente por Sousa Bastos. O registo de um pedido de passaporte colectivo, solicitado pelo director da Companhia Dramática Lisbonense para catorze membros da sua companhia, com o propósito de embarcar com destino ao porto brasileiro de Pernambuco, passado em 24 de Maio de 1865 pelo Governo Civil da Horta, no arquipélago dos Açores, permite clarificar que o actor Macedo, que nasceu no ano de 1810, se chamava, de facto, André Augusto Xavier de Macedo.

7 MELLO, Luís de Sousa “Companhias em ‘tourné’”, *Islenha* (8), p. 95.

Espanha, fugida de pai e irmão, acabando por lá morrer, ainda muito nova. Tendo em conta a linha temporal, poderemos estar na presença da mesma Firmina. Já de António dos Santos Pereira e de A. C. de Sá não encontramos qualquer referência. A coincidência de apelidos “Santos”, contudo, poderá indicar que estejamos de facto perante uma companhia familiar, de pouco relevo, que seja intitulada “nacional” porventura por ter sido formada em Lisboa ou no Porto.

Em 1861, entre Fevereiro e Março, apresenta-se no Teatro D. Afonso Henriques outra companhia de Zarzuela, que realiza um total de doze funções.

Em 1862, encontramos de novo o actor Macedo, desta vez à frente da “Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal” que, entre Maio e Junho, faz uma temporada de catorze espectáculos no Teatro D. Afonso Henriques. Os actores que sabemos terem estado em Guimarães com esta companhia são: Mendes Leal, Florinda, Maria Cândida, Eugénio Luciano, Vidal. Segundo Sousa Bastos, António Mendes Leal (1831-1871), irmão de José Mendes Leal, e também dramaturgo e actor, era casado com Florinda, a filha de Macedo, já aqui referida, e com ele correu a província e o Brasil. No decorrer da nossa pesquisa, deparámo-nos amiúde, na segunda metade do século XIX, com peças suas representadas tanto por companhias profissionais como por amadoras. Encontramos, nesta época, algumas atrizes que poderiam corresponder a Maria Cândida, mas até agora não conseguimos estabelecer qual delas seria. De Eugénio Luciano não encontramos qualquer referência nas nossas fontes. Já Vidal (?-1869), seria provavelmente o mesmo que, tendo iniciado carreira no Teatro das Variedades, passou pelo Teatro do Ginásio e pelo Teatro D. Maria II, tendo sido protegido de Emília das Neves, com quem realizou digressões ao Porto e pela província.

Em 1863, assentou arraiais no D. Afonso Henriques a Companhia Nacional do Pereira. Tendo dado um primeiro espectáculo em Janeiro, voltou para mais doze noites, entre Março e Abril. Encontrámos dois “Pereira” em actividade na segunda metade do século XIX, nomeadamente Silva Pereira e Augusto José Pereira (do Príncipe Real). O primeiro, Francisco Teixeira da Silva Pereira (1839-?), terá iniciado a sua carreira no Teatro da Rua dos Condes, onde se manteve precisamente até 1863, ano em que ingressou no Teatro do Ginásio, onde terá feito sucesso como actor cómico. Em 1872, parte para o Brasil, de onde regressa em 1881, onde terá feito parte das companhias do Teatro D. Maria II, do Teatro da Trindade, do Teatro do Ginásio, do Teatro D. Amélia e do Teatro da Rua dos Condes. Augusto José Pereira (1842-1888), estreou-se também no Teatro da Rua dos Condes, em 1859. Passou pelo Teatro das Variedades, pelo Teatro do Príncipe Real e pelo Teatro D. Maria II até que se fixa no Teatro do Príncipe Real, companhia com que terá ido por várias vezes ao Brasil. Ao longo da carreira realizada no Teatro D. Afonso Henriques, encontrámos os nomes dos actores José Ferreira, Manuel António Ferreira, Carlos da Silva, Joaquim de Oliveira, Maria do Carmo, Carlota Veloso, Caldas. De actores que usavam o apelido Caldas e que pudessem estar activos nestes anos, encontramos apenas Eduardo Augusto Gomes Caldas, que terá sido *escriturado* no Trindade em 1875, mas sobre quem não conseguimos reunir informações de relevância. De Carlos da Silva nada apurámos. Carlota Veloso terá iniciado a carreira de atriz em 1854, no Teatro da Rua dos Condes. Não sabemos a sua data de nascimento, mas dizem as crónicas de Sousa Bastos que deveria ter então catorze anos. Esteve integrada no Teatro D. Maria II, mas acabou a carreira integrando companhias menores e de

província. Encontrámos duas Marias do Carmo que poderão corresponder à que se apresentou nesta temporada: uma que terá estreado em 1847 no Teatro do Ginásio e que seguiu mais tarde para o Brasil, onde se fixou, e Maria do Carmo Silva (1845-?). Esta, que teria dezoito anos em 1863, iniciou carreira no Teatro das Variedades, indo depois para os Açores e para o Porto, antes de voltar a Lisboa. Não encontrámos actores Joaquim de Oliveira nesta altura, mas sim um Joaquim Augusto de Oliveira e um António Joaquim de Oliveira Cardoso, ambos escritores. O primeiro terá trabalhado com todos os teatros, depois de ter começado com o Teatro do Ginásio. Era conhecido por *Oliveira das Mágicas*: não fazia originais, mas seria um grande adaptador, tendo construído um enorme reportório. O segundo, vimaranense, nascido em 1809, bacharel de Coimbra e cónego da Colegiada da Senhora da Oliveira, escreveu, entre outros géneros, vários dramas. A primeira representação de uma obra sua foi o drama *A Virgem do Campo*, no Teatro D. Afonso Henriques, em Junho de 1859, por um grupo de amadores.

Em relação a Ferreira, deparamos com três referências possíveis: Ferreira (Bebé), que esteve contratado pelos Teatro da Rua dos Condes e Teatro das Variedades; Ferreira Baptista, conhecido por *Pintassilgo*, que foi actor, ponto e ensaiador de companhias menores; e Domingos Ferreira, que naquela época estaria contratado pelo Teatro D. Maria II, depois de ter passado pelo Teatro do Salitre e pelo Teatro D. Fernando.

Ainda em 1863, em Maio, alguns actores da “Companhia Dramática Portuense” ocupam o Teatro D. Afonso Henriques, para três noites de espectáculos, com a participação de alguns curiosos. Desta trupe fazem parte os “actores Ferreiras”, Maria da Luz Veloso, Amaral, Abel, Vidal. Já fizemos atrás referência aos Ferreira, Amaral, Abel e Vidal. Maria da Luz Veloso, irmã de Carlota Veloso, passou pelo Teatro D. Maria II, foi estrela de opereta no Porto e em Lisboa, tendo a sua carreira perdido fulgor, com o tempo, à imagem do seu sucedeu com a sua irmã.

Logo a seguir, em Julho de 1863, dizem-nos os registos do Teatro e a imprensa que a Companhia Nacional esteve em Guimarães para três noites e três espectáculos da grande estrela Emília das Neves, muito aclamados: *A mulher que deita as cartas*, *Joana, a doida* e *Judith*. Os registos que indicam ser esta a “Companhia Nacional” deixaram-nos bastantes dúvidas. Por esses tempos, Emília das Neves (1820-1883) estaria afastada do Teatro Nacional D. Maria II, tendo apresentado estas três peças, com companhia própria, pelo norte do país, com actuações no Porto, Aveiro, Lamego, Viana do Minho e Corunha, na Galiza. No Porto, no final de 1862, integrou o elenco do Teatro Baquet, sendo possível que se tenha feito acompanhar de elementos desta companhia na *tournee* feita a norte. E é precisamente no Porto que vamos encontrar resposta: esta companhia seria a “Companhia Nacional Dramática de Emília das Neves”, que em 1863 se torna responsável pelo teatro declamado no Teatro Nacional S. João.⁸

8 ROSA, Daniel, *O Bairro Teatral: Recreio da Vida Portuense*, p. 64.



A actriz Emília das Neves, litografia da Revista Contemporânea Portugal-Brasil, ano II, n.º 5. 1860

No final de Agosto, a ora “Companhia Dramática Portuense”, ora “Companhia Nacional Portuense”, retorna para algumas funções, de novo coadjuvada por amadores. Em Setembro, temos ainda uma noite com a Companhia Dramática António J. dos Santos, com a participação do actor Veiga, de quem também não encontramos registos.

Um ano tão movimentado como o de 1863 faria adivinhar um futuro imediato prometededor para o Teatro D. Afonso Henriques. Contudo, o ano de 1864 é muito pobre no que toca a apresentações teatrais. Em Fevereiro, a actriz Maria da Luz Veloso dá, com alguns curiosos, um espectáculo em seu benefício. Em Abril, representam-se dois outros espectáculos de benefício: um do actor Abel, com a participação do violinista Sá Noronha e outro a

favor do próprio Sá Noronha, com a participação do actor Abel. Até ao final do ano, realizaram-se apenas mais três concertos e nem o teatro dos curiosos vimaranenses pisa as tábuas do D. Afonso Henriques. 1865 não será melhor: ao todo, além dos bailes de Carnaval, realizam-se três benefícios. Um de Alfredo Artur dos Santos, com curiosos; outro de Carolina Lavrantes Augusta da Silva, com “o Santos” e alguns curiosos (Santos terá tocado flauta); e um concerto de benefício a Demetrio Leone Mozilli. Sobre os dois primeiros, que interessam a este trabalho, não conseguiremos dizer muito: o único Alfredo Santos que encontrámos na segunda metade do século XIX só nasceu em 1866 e, apesar de haver referências a algumas Carolinas, atrizes, nenhuma terá ficado na história com o nome avançado nos registos que chegaram até nós. Encontramos Carolina Xavier, por quem o actor Santos terá tido uma paixão, que fez carreira no Teatro da Rua dos Condes e que esteve depois no Teatro do Príncipe Real. Terá também estreado no Teatro da Rua dos Condes, em 1843, uma Carolina Emília (?-1877) que terá tido uma carreira frutuosa no Teatro D. Maria II. Por último, temos Carolina Falco (1839-1906), contralto, que terá saído de Lisboa para o Porto em 1858, sendo contratada para integrar uma companhia lírica no Rio de Janeiro em 1863, casando, também por esta altura, com César de Lacerda, com quem correu o Brasil. No retorno a Portugal, foi contratada pelo actor Santos para integrar o Teatro do Príncipe Real.

Ao longo dos primeiros dez anos de funcionamento do Teatro D. Afonso Henriques assistimos a uma ocupação notável por parte de artistas profissionais de teatro. Não encontrámos, contudo, ao longo destes anos e nas diferentes companhias que marcaram presença no D. Afonso Henriques, grandes divergências no que toca às peças apresentadas. Os textos dramáticos que circulam em Portugal são representados por várias companhias e, tanto nos reportórios dos profissionais como nos de amadores, repetem-se versões e imitações de dramas, farsas e comédias francesas populares naquela época, pelos mesmos tradutores e autores, e os mesmos textos originais de autores portugueses. A produção dramaturgica nacional não dava suficiente resposta à necessidade das muitas companhias que existiam à época, resultando numa visível repetição dos textos apresentados, como poderemos perceber pelos títulos reunidos na tabela anexa, onde listamos os espectáculos de teatro profissional apresentados em Guimarães por companhias portuguesas nos dez anos aqui em análise. A nossa tabela reúne, para este período, um total de 220 representações, sendo de referir que, por regra, as sessões eram compostas por duas a três peças diferentes. Numa contagem global, as comédias foram o género mais representado ao longo destes anos. No entanto, se subtrairmos as representações do Real Teatro de S. João que, na temporada de 1856, se apresentou no Teatro D. Afonso Henriques exclusivamente com comédias, teremos uma visão bastante mais equilibrada: encontramos praticamente tantos dramas quanto comédias, seguidos de longe pelas farsas, e com alguma presença de operetas e dramas cómicos. Em dez anos, por parte de companhias profissionais, foi representada uma única tragédia, *A Nova Castro*, de João Baptista Gomes Júnior, por duas vezes, em 1859, pela Companhia Cómico Dramática do Macedo. Entre os dramaturgos mais representados nos primeiros dez anos de teatro no D. Afonso Henriques, encontramos:

- Eugène Scribe (1791-1861), com mais de cem representações nacionais listadas na base de dados do Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa;
- Alexandre Dumas Pai (1802-1870), com dezassete traduções e adaptações, e vinte e seis espectáculos realizados no país até ao final do século XIX, listados no CETbase;

- Alexandre Dumas Filho (1824-1895), com quinze traduções e adaptações, e vinte e dois espectáculos listados no CETbase até 1900;
- Camilo Castelo Branco (1825-1890), com vinte e sete peças e dezanove representações em Portugal até 1900 listadas no CETbase;
- César de Lacerda (1829-1903), de quem o CETbase lista 15 autorias e 20 representações em Portugal no século XIX.

A base de dados do Centro de Estudos de Teatro, não sendo extensiva ou exacta, se cruzada com a nossa própria base de dados – que vimos construindo ao longo desta investigação –, permite-nos entender que os textos apresentados no Teatro de Guimarães acompanhariam, grosso modo, as tendências da dramaturgia nacional.

Durante este período, por oito vezes o Teatro terá acolhido companhias profissionais de teatro para longas temporadas. Muitas destas trupes acabavam por prolongar a carreira com mais alguns espectáculos, para além dos inicialmente previstos. Olhando para este padrão, entende-se que a presença destes artistas na cidade seria acarinhada pelos vimaranenses e, de algum modo, traria alguma cor e animação à vida cidadina. Recorrendo à imprensa, percebemos também que o público do teatro não seria propriamente fácil de contentar. Ou seja, não se daria de forma automática uma espécie de encantamento pelo artista, mas esse encantamento acabaria por acontecer, ao longo do tempo, num duplo sentido. A prática teatral que desenvolvemos conceder-nos-á, neste campo, alguma ousadia na análise das dinâmicas entre actores e espectadores, e diz-nos a intuição que terão sido precisamente essas estadias prolongadas que permitiriam que o enamoramento acontecesse. O artista, muitas vezes contrariado por ter de se deslocar à província e, porventura, achando que estaria a lidar com público pouco exigente, logo perceberia que teria de se esforçar mais um pouco. Não poderemos afirmar contundentemente que o público reconhecesse esse esforço mas, abandonando as efabulações, o que notamos é uma tendência para lotações maiores no Teatro D. Afonso Henriques, salvo umas poucas excepções, quando os vimaranenses já estariam familiarizados com a presença dos artistas na cidade .

Arrumando por agora as ferramentas que permitirão uma análise mais fina, já resulta claro que Guimarães e o seu Teatro D. Afonso Henriques cedo se tornaram um palco apetecível para artistas de relevo da história do teatro português, muito provavelmente a sala de espectáculos que, à época, alcançou maior projecção e dinamismo fora de Lisboa e do Porto. Uma leitura comparativa dos estudos disponíveis sobre o teatro em Aveiro⁹ e Coimbra¹⁰ demonstra-nos isso mesmo: Guimarães, entre 1856 e 1865, terá sido, entre as três, a cidade que mais companhias profissionais de teatro portuguesas acolheu. Outra questão que nos parece pertinente referir diz respeito aos meses de ocupação do Teatro. Pensaríamos que os períodos de maior fluxo de artistas de Lisboa e do Porto em digressão pelos teatros do país corresponderiam aos meses de verão, em que os teatros com companhias profissionais residentes fechavam portas, o que obrigaria boa parte dos seus actores a rumar à província, para não ficarem sem o seu ganha-pão. Mas não é isso o que acontece no teatro de Guimarães, à

9 LOPES, Judite Conceição Afonso, *Teatro Aveirense*, 2008.

10 LOUREIRO, José Pinto, *O teatro em Coimbra*, 1964.

excepção do ano de 1856, em que a companhia do Real Teatro de S. João se fixou no D. Afonso Henriques durante todo o mês de Agosto, situação que poderá colher explicação nas obras que decorreram esse ano na sala onde estava sediada. Nos anos seguintes, Julho, Agosto e Setembro serão os meses de menor ocupação do Teatro D. Afonso Henriques. As companhias nacionais incluíam as suas visitas nos períodos regulares da temporada teatral, o que poderá indicar que o Teatro D. Afonso Henriques não seria propriamente um teatro de recurso para os artistas mais empobrecidos.

Nos anos seguintes ao período aqui em análise, apesar de alguns anos mais atribulados na gestão do teatro, e que resultarão em períodos em que a visita de companhias de teatro profissional será mais espaçada, a confirmação de que a aposta na edificação de um teatro condigno em Guimarães era certa far-se-á evidente. Mas isso é assunto que deixaremos para uma abordagem mais analítica e detalhada, a desenvolver no quadro da investigação que temos em curso.

ANEXO

Peças representadas por companhias nacionais
no Teatro D. Afonso Henriques – Guimarães
(1855-1865)

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
1856						
2 de Agosto	Cozinheiro Político	Eugène Scribe	Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João		Sob a direcção do actor Abel
	E eu sem casaca		Comédia			
	O curioso castigado		Comédia			
6 de Agosto	É meu primo	José Isidoro Gomes (Visconde de Valmor)	Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João		Trad. desconhecida
	A Família do Boticário	Armand Chapeau, Félix-Auguste Duvert, Charles Varin	Comédia			
8 de Agosto	É meu primo	Ângelo Brofferio	Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João	Em benefício de 3 dos seus actores	Possivelmente, trad. de Rodrigo José de Lima Felner
	E eu sem casaca		Comédia			
10 de Agosto	O médico de nova escola		Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João		
	Morrer para ter dinheiro	Pedro Caldas de Alcântara Chaves	Comédia			
14 de Agosto	Próspero e Vicente	Félix-Auguste Duvert, Lauzanne de Vauroussel	Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João		
	O Cavalheiro Servente		Comédia			
16 de Agosto	O Médico de Nova Escola		Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João	Em benefício de duas suas actrizes	
	A Família do Boticário	Armand Chapeau, Félix-Auguste Duvert, Charles Varin	Comédia			
17 de Agosto	Próspero e Vicente	Félix-Auguste Duvert, Lauzanne de Vauroussel	Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João		
	O Juiz Eleito	Luís António de Araújo (pai)	Comédia			
19 de Agosto	É meu primo	Ângelo Brofferio	Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João		Possivelmente, trad. de Rodrigo José de Lima Felner
	O Juiz Eleito	Luís António de Araújo (pai)	Comédia			

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÉNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
21 de Agosto	O Cavalheiro Servente		Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João		Possivelmente, "O Fenómeno ou o homem de barro"
	O Fenómeno		Comédia			
	A Namorada do Príncipe		Alexandre Magno de Castilho			
22 de Agosto	A Namorada do Príncipe	Alexandre Magno de Castilho	Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João		
	O Juiz Eleito	Luís António de Araújo (pai)	Comédia			
24 de Agosto	O Cozinheiro Político	Eugène Scribe	Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João	Em benefício do Teatro	"La femme de Chambre", comédia em três actos.
	A Criada Grave	Paul Ferrier	Comédia			
	Morrer para ter dinheiro	Pedro Caldas de Alcântara Chaves	Comédia			
26 de Agosto	A Criada Grave	Paul Ferrier	Comédia	Companhia Nacional do Real Teatro de S. João	Em benefício do actor Abel	Possivelmente, trad. de Rodrigo José de Lima Felner
	É meu primo	Ângelo Brofferio	Comédia			
	A mulher de dois maridos	Eugène Scribe	Comédia			
28 de Novembro	Os dois primos	Duarte de Sá	Cena cômica	Actor Taborda	Em benefício do pianista Eduardo Borregon	
	O cantor cosmopolita	Lefort, Trinquart	Cena cômica			

1857

8 de Dezembro	O Conde de Paragará	Aristides Abranches	Comédia	Companhia Nacional	Em benefício da Companhia Nacional	Possivelmente, trad. de Luís José Baiardo
	A Roda Viva		Comédia			
	Artur ou Há 16 anos	Victor Ducange	Drama			
13 de Dezembro	30 anos ou a vida de um jogador	Victor Ducange	Drama	Companhia Nacional	Récita de assinatura (1.ª)	Possivelmente, trad. de Luís José Baiardo
	O Carneiro no forno		Farsa			
18 de Dezembro	A caixa do Sr. Pachorra		Comédia	Companhia Nacional	Récita de assinatura (2.ª)	Possivelmente, trad. de António Feliciano de Castilho
	Os três últimos dias de um sentenciado	César Perini de Lucca	Drama			
20 de Dezembro	O Conde de Paragará	Aristides Abranches	Comédia	Companhia Nacional	Récita de assinatura (3.ª)	
	Artur ou Há 16 anos	Victor Ducange	Drama			
	O morto vivo		Farsa			
28 de Dezembro	Pedro Sem	Luís António Burgain	Drama	Companhia Nacional	Récita de assinatura (4.ª)	
	A Caixa do Sr. Pachorra		Farsa			

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
30 de Dezembro	Pedro Sem	Luís António Burgain	Drama	Companhia Nacional	Em benefício do director António José dos Santos e do actor Fortunato Moreira	
	A Roda Viva		Farsa			

1858

1 de Janeiro	Os três últimos dias de um sentenciado	César Perini de Lucca	Drama	Companhia Nacional	Récita de assinatura (5. ^ª)	
	Um quarto com duas camas	João de Nóbrega Soares ou António Sousa Bastos	Farsa			
10 de Janeiro	O Olho Vivo		Comédia	Companhia Nacional	Récita de assinatura (6. ^ª) Benefício da dama Cândida Guilhermina e de José Maria de St ^a Barbara	Comédia alemã traduzida por Xavier Marques
	A Missão	José Carlos dos Santos	Drama			
13 de Janeiro	O Conde de Paragará	Aristides Abranches	Comédia	Companhia Nacional	Récita de assinatura (7. ^ª) Benefício do actor Pinto & C ^a	
	A Leitora	Jean-François-Alfred Bayard	Drama			
	Um escândalo no teatro de Guimarães		Farsa			
17 de Janeiro	Os dois aliados		Comédia	Companhia Nacional	Récita de assinatura (8. ^ª)	
	A Missão	José Carlos dos Santos	Drama			
20 de Janeiro	A Leitora	Jean-François-Alfred Bayard	Drama	Companhia Nacional	Récita de assinatura (9. ^ª)	
	Gerigoto		Farsa			
22 de Janeiro	Maria a filha de Bernardo		Drama	Companhia Nacional	Em benefício da actriz Maria Soares e do actor João Pinto Soares	
	O Carneiro no forno		Farsa			
24 de Janeiro	Os seis degraus de crime	Victor Ducange	Drama	Companhia Nacional	Récita de assinatura (10. ^ª). Benefício dos actores Filippe José Baptista e Gertrudes Magna da Silva	Possivelmente, uma adaptação da tradução de Joaquim Augusto Oliveira do original de Duvert e Lauzanne, Un Scandale
	Um escândalo no teatro de Guimarães		Farsa			
27 de Janeiro	Pedro Sem	Luís António Burgain	Drama	Companhia Nacional	Em benefício da actriz Cândida Guilhermina	
31 de Janeiro	Os seis degraus do crime	Victor Ducange	Drama	Companhia Nacional	Em benefício da actriz Cândida Guilhermina	
	O Mouco		Farsa			

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÉNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
2 de Fevereiro	Fernando ou O juramento	José Maria Brás Martins	Drama	Companhia Nacional	Em benefício do actor Pinto & Comp. ^a	
	A Roda viva		Farsa			
1859						
9 de Fevereiro	A Condessa de Scennecey	Jean-François-Alfred Bayard, Adolphe-Philippe D'Ennery	Comédia drama	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
	Uma assinatura em branco	Francisco de Sousa	Farsa			
12 de Fevereiro	Filippe Mauvert	César Perini de Lucca	Drama	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
	Amor por medo		Farsa			
17 de Fevereiro	Luisa de Signerolles	Ernest Legouvé	Comédia drama	Companhia Cómico Dramática do Macedo	Em benefício da 1ª dama Antónia Joaquina	
	Morrer para ter dinheiro	Pedro Caldas de Alcântara Chaves	Farsa			
20 de Fevereiro	A Afilhada do Barão		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		Possivelmente, trad. de Ventura de la Veja
	A mulher do artista	Scribe e Emilio Vander-Burch	Drama			
21 de Fevereiro	A Condessa de Scennecey	Jean-François-Alfred Bayard, Adolphe-Philippe D'Ennery	Comédia drama	Companhia Cómico Dramática do Macedo	Em benefício da dama Florinda Cândida de Macedo	
	Um par de mortos ou a vida de um par		Farsa			
27 de Fevereiro	O importante		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo	Em benefício do 1º galã José João	
	O fogo do céu		Comédia			
	Uma assinatura em branco	Francisco de Sousa	Farsa			
6 de Março	O Pai duma actriz	Théaulon, Jean-François-Alfred Bayard	Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		Possivelmente, trad. Rodrigo José de Lima Felner
	Morrer para ter dinheiro	Pedro Caldas de Alcântara Chaves	Farsa			
8 de Março	Capricho duma mulher		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
	Um par de mortos		Farsa			
12 de Março	Filippe Mauvert	César Perini de Lucca	Drama	Companhia Cómico Dramática do Macedo	Em benefício do actor Jorge Paes do Amaral	
	Pena e Perdão		Farsa			
19 de Março	Teresa	Alexandre Dumas (pai)	Drama	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
	O mestre e o seu criado		Farsa			
28 de Março	O Alfageme de Santarém ou a Espada do Condestável	Almeida Garrett	Drama	Companhia Cómico Dramática do Macedo		

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
31 de Março	O Escravo e seu senhor		Comédia	Companhia Cômico Dramática do Macedo		Entreacto cómico
	O Alfageme de Santarém ou a Espada do Condestável	Almeida Garrett	Drama			
4 de Abril	O Escravo e seu senhor		Comédia	Companhia Cômico Dramática do Macedo		Entreacto cómico
	Os conspiradores		Comédia			possivelmente uma tradução de Os conspiradores ou o retrato de muitos dos nossos de Nicolas Brazier, Dumersan, Armand Dartois
	O testamento dum solteiro		Drama			
7 de Abril	Simão, o Ladrão	M. Laurencin	Drama	Companhia Cômico Dramática do Macedo		
	Adolfo, mestre escritor	Nicolas Brazier, Dumersan, Armand Dartois	Farsa			
25 de Abril	Camões do Rossio	Inácio Maria Feijó	Comédia	Companhia Cômico Dramática do Macedo		Entreacto cómico
	O mestre e o seu creado		Comédia			
26 de Abril	Os Conspiradores		Comédia	Companhia Cômico Dramática do Macedo	Em benefício dos actores Jorge Paes do Amaral, José Joaquim e Luiz Cardoso Vilela	Possivelmente, tradução de "Os conspiradores ou o retrato de muitos dos nossos" de Nicolas Brazier, Dumersan, Armand Dartois
	O Rafael		Comédia drama			
28 de Abril	O Beberão		Comédia	Companhia Cômico Dramática do Macedo	Em benefício do actor António José de Faria	Entreacto cómico
	O Rafael		Comédia drama			
	Os Estudantes de Salamanca em férias		Farsa			
1 de Maio	Adriana Lecouvreur	Eugène Scribe	Comédia drama	Companhia Cômico Dramática do Macedo	Em benefício da 1ª dama Antónia Joaquina e do actor Augusto de Carvalho	
	Amor por medo		Drama			
5 de Maio	A Afilhada do Barão	Luís Augusto Palmeirim	Comédia	Companhia Cômico Dramática do Macedo	Em benefício do actor José António Praxedes dos Santos	
	Domadora das feras		Comédia			
	A Jarra Quebrada		Farsa			

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÉNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
11 de Maio	«comédia original portuguesa em um acto»		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo	Em benefício de uma família necessitada de Lisboa	
	O Laço de Fitas	Eugène Scribe	Comédia			
	Um casamento no reinado de Luís XV	Alexandre Dumas (pai)	Drama familiar			Possivelmente, trad. Mendes Leal
15 de Maio	O Escravo e o seu Senhor		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		Entreacto cómico
	A Nova Castro	João Baptista Gomes Júnior	Tragédia			
19 de Maio	A Condessa de Scennecey	Jean-François-Alfred Bayard, Adolphe-Philippe D'Ennery	Comédia drama	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
22 de Maio	A felicidade das felicidades	Luís António de Araújo (filho)	Farsa	Companhia Cómico Dramática do Macedo	Em benefício do Director	
	A Nova Castro	João Baptista Gomes Júnior	Tragédia			

1860

12 de Abril	Berta de castigo		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		Entreacto cómico
	A Abadia de St.ª Teresa		Drama			
14 de Abril	Apanhei os cinco contos		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
	Os dois mundos	César de Lacerda	Drama			
18 de Abril	A última carta	César de Lacerda	Drama	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
	Amor por medo		Drama			
22 de Abril	O importuno		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
	A Batalha de Montereau	Adolphe Dennerly	Ópera cómica			trad. Mendes Leal
23 de Abril	Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
	A batalha de Montereau	Adolphe Dennerly	Ópera cómica			
26 de Abril	Berta de castigo		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		Entreacto cómico
	Cinismo, cepticismo e crença	César de Lacerda	Drama			
	Jogar com fogo	Ventura de La Veja	Zarzuela espanhola			
29 de Abril	Como se apanha uma casaca		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		
	A Moura		Drama			
2 de Maio	À cata de Manuel		Comédia	Companhia Cómico Dramática do Macedo		Entreacto cómico
	As pequenas misérias	Ricardo José de Sousa Neto	Comédia			
	O último acto	Camilo C. Branco	Drama			

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
6 de Maio	Os dois mundos	César de Lacerda	Drama	Companhia Cômico Dramática do Macedo		
	O último acto	Camilo C. Branco	Drama			
10 de Maio	A crónica do bairro		Comédia	Companhia Cômico Dramática do Macedo		Entreacto cômico
	Um par de mortes		Comédia			
	O ramalhete de violetas	Adolphe Dennery e Philippe Dumanoir	Comédia drama			
13 de Maio	A afilhada do Barão		Comédia	Companhia Cômico Dramática do Macedo		
	O último acto	Camilo C. Branco	Drama			
20 de Maio	A aparição a D. Afonso Henriques no campo de Ourique		Drama histórico	Companhia Cômico Dramática do Macedo		
	O Laço de Fitas	Mendes Leal	Comédia			
22 de Maio	O Alfageme de Santarém	Almeida Garrett	Drama	Companhia Cômico Dramática do Macedo		
26 de Maio	A felicidade das felicidades	Luís António de Araújo (filho)	Comédia			
	A Modesta		Drama			
9 de Junho	A Marianna Peneda, a última vítima constitucional de Granada		Drama histórico	Companhia Nacional Santos		
14 de Junho	O Pagem do Regente		Comédia	Companhia Nacional Santos		
	Amigos Amigos		Comédia			
22 de Junho	A Graça de Deus		Drama	Companhia Nacional Santos		
23 de Junho	Um passo francês	José Romano	Dança	Companhia Nacional Santos		
	29 ou a Honra e Glória		Comédia drama			

1862

10 de Maio	Martírio e glória, ou S. Torcato		Drama Sacro	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal		
11 de Maio	Martírio e glória, ou S. Torcato		Drama Sacro	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal		
12 de Maio	As mães arrependidas	Félicien Mallefille	Drama	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Récita de assinatura (1.ª)	provavelmente trad. Enersto Bieber
	A corda sensível		Farsa			
17 de Maio	O Visconde de Lectourier		Comédia	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal		
	O Milagre de Nossa Senhora de Nazaré		Drama			
24 de Maio	A pobreza envergonhada	Mendes Leal	Drama	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Récita de assinatura (2.ª)	Imitação de Les Pauvres de Paris [14138] de Édouard Brisebarre

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÉNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
29 de Maio	O Prego	Eduardo Garrido	Comédia	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Récita de assinatura (3. ^a)	Entreacto cómico
	A dama das Camélias	Alexandre Dumas (Filho)	Drama			
1 de Junho	A pobreza envergonhada	Mendes Leal	Drama	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Em benefício da actriz Florinda	Imitação de Les Pauvres de Paris [14138] de Édouard Brisebarre
3 de Junho	Mel e Fel	Mendes Leal	Comédia	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Récita de assinatura (4. ^a), em benefício da actriz Maria Cândida	
	Um casamento no reinado de Luís XV	Alexandre Dumas (Pai)	Drama familiar			
6 de Junho	A viúva avé César		Comédia	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Em benefício do actor Mendes Leal	
	O que são aparências		Farsa			
	A história de um pataco	Luiz de Vasconcelos de Azevedo e Silva	Farsa			Provavelmente trad. Luís de Vasconcelos
8 de Junho	Os comediantes do Rei		Comédia	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Em benefício do actor Eugénio Luciano	
	A mulher de dois maridos	Eugène Scribe	Comédia			provavelmente trad. Alexandre Magno Castilho
	última cena da glória do drama sacro "S. Torcato"		Drama sacro	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Em benefício do actor Eugenio Lucciano	
	Os conspiradores, ou sapateiro republicano		Farsa			
11 de Junho	Marido, Mulher e Tio		Comédia	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Récita de assinatura (5. ^a), em benefício do actor Vidal	
	As duas conquistas		Farsa			
12 de Junho	A Batalha das Damas		Comédia	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Em benefício do violinista José Gomes Pereira	
15 de Junho	A Vizinha Margarida	Pedro Carlos de Alcântara Chaves	Comédia	Companhia Lisbonense de Macedo e Mendes Leal	Récita de assinatura (6. ^a)	
	As duas conquistas		Comédia			

1863

12 de Janeiro	O Sebastianista	José Romano	Comédia	Companhia Nacional do Pereira		Entreacto cómico
	A União e Trabalho	Joaquim José Garcia Alagarim	Drama			
	O Último Acto	Camilo C. Branco	Drama			
5 de Março	O Livro 3º Capítulo		Comédia	Companhia Nacional do Pereira	Récita de assinatura (1. ^a)	
	As Esmolas		Comédia			
	A Mulher Económica		Comédia			
7 de Março	A Cruz do Matrimónio		Comédia	Companhia Nacional do Pereira	Récita de assinatura (2. ^a)	
	Quero e Não Quero		Farsa			

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
9 de Março	A Mulher Virgem n'uma Pecadora	Bulhão Pato	Comédia		Récita de assinatura (3.ª)	Certamente, "Amor virgem numa pecadora"
	Um Namorado Exemplar	Eduardo Coelho	Farsa			
12 de Março	A Neta do Barão		Comédia	Companhia Nacional do Pereira	Récita de assinatura (4.ª)	Certamente, "O diabo a quatro numa hospedaria"
	O Diabo a quatro	Luís Araújo, sénior	Farsa			
	Amor aos Bofetões	Eduardo Coelho	Ópera cómica			
14 de Março	A Neta do Barão		Drama	Companhia Nacional do Pereira	Em benefício do actor Ferreira e Carlos	
	Culpa e Perdão	Pedro Carlos Alcântara Chaves	Drama			
	Os Dragões da Rainha		Ópera cómica			
17 de Março	União e Trabalho	Joaquim José Garcia Alagarim	Comédia	Companhia Nacional do Pereira	Récita de assinatura (5.ª)	
	O Último Acto	Camilo C. Branco	Drama			
19 de Março	A Actriz	José Freire de Serpa Pimentel	Comédia	Companhia Nacional do Pereira	Em benefício do actor Manuel António Ferreira e do poeta António Jorge dos Santos	
	O Namorado		Comédia			
	O Veterano Mateus		Drama			
23 de Março	A Cruz do Matrimónio		Comédia	Companhia Nacional do Pereira	Em benefício dos actores Joaquim d'Oliveira e Maria do Carmo	
	A Neta do Barão		Comédia			
7 de Abril	Gabriel e Lusbel ou o Taumaturgo, ou Milagre de Santo António	José Maria Brás Martins	Drama	Companhia Nacional do Pereira		Música de Frondoni
9 de Abril	Gabriel e Lusbel ou o Taumaturgo, ou Milagre de Santo António	José Maria Brás Martins	Drama	Companhia Nacional do Pereira		Música de Frondoni
12 de Abril	Gabriel e Lusbel ou o Taumaturgo, ou Milagre de Santo António	José Maria Brás Martins	Drama	Companhia Nacional do Pereira		Música de Frondoni
14 de Abril	Gabriel e Lusbel ou o Taumaturgo, ou Milagre de Santo António	José Maria Brás Martins	Drama	Companhia Nacional do Pereira		Música de Frondoni
16 de Abril	Gabriel e Lusbel ou o Taumaturgo, ou Milagre de Santo António	José Maria Brás Martins	Drama	Companhia Nacional do Pereira	Em benefício de Tabora, que esteve presente.	Música de Frondoni
20 de Abril	União e Trabalho	Joaquim José Garcia Alagarim	Comédia	Companhia Nacional do Pereira	Em benefício de Caldas	
	O Último Acto	Camilo C. Branco	Drama			

DATA	TÍTULO	AUTOR	GÉNERO	COMPANHIA	EVENTO	OBSERVAÇÕES
22 de Abril	A Actriz	José Freire de Serpa Pimentel	Comédia	Companhia Nacional do Pereira	Em benefício do Senhor dos Passos do Campo da Feira	
	O Veterano Mateus		Drama			
24 de Abril	Gabriel e Lusbel ou o Taumaturgo, ou Milagre de Santo António	José Maria Brás Martins	Drama sacro	Companhia Nacional do Pereira	Em benefício da companhia	
21 de Maio	Os três últimos dias de um Sentenciado	César Perini de Lucca	Drama	"Alguns actores da Companhia Portuense com a coadjuvação de alguns curiosos da terra"	Em benefício dos actores Ferreiras	
	Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita		Farsa			
7 de Junho	O Diabo nem sempre está atrás da porta	F. A. Silva Veloso	Comédia	"Alguns actores da Companhia Portuense com a coadjuvação de alguns curiosos da terra"	Em benefício da actriz Maria da Luz Veloso	
	Os órfãos de Cascais		Drama			
19 de Junho	A Vizinha Margarida	Pedro Carlos de Alcântara Chaves	Comédia	"Alguns actores da Companhia Portuense com a coadjuvação de alguns curiosos da terra"	Em benefício do actor Amaral	
	Os Zuavos	Mendes Leal	Comédia			
	Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita		Comédia			
2 de Julho	A mulher que lia as cartas	Victor Séjour, tradução de Ernesto Biester	Drama	Companhia Nacional		Seria uma companhia organizada por Emília das Neves
1 de Agosto	Joana, a Doida	Manuel Tamayo y Baus, tradução de A. Magno de Castilho	Drama	Companhia Nacional		Seria uma companhia organizada por Emília das Neves
3 de Agosto	Judite	Paulo Giacometti, tradução de José Mendes Leal	Drama	Companhia Nacional*		*Seria uma companhia organizada por Emília das Neves
27 de Agosto	A Família de um boticário	Armand Chapeau, Félix-Auguste Duvert, Charles Varin	Comédia	Companhia Dramática Portuense e alguns curiosos	Em benefício do pianista brasileiro Ricardo Ferreira de Carvalho	
	O bom resultado de um engano		Comédia			
20 de Setembro	Pedro Sem	Luís António Burgain	Drama	Companhia Nacional Portuense		
23 de Setembro	Poesia ou Dinheiro	Camilo C. Branco	Drama	Companhia Dramática de António J. dos Santos	Em benefício da companhia	

Fonte: João Lopes de Faria, *Documentos Copiados*, manuscrito da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, Vol. II, fol. 61-66v (cópia dos registos do Sub-Inspector de Espectáculos José Maria Guimarães Dias Guimarães).

Bibliografia

- BASTOS, Sousa. *Dicionário de teatro português*. Ed. fac-similada. Coimbra: Minerva. (1ª ed. 1908), 1994.
- BASTOS, Sousa. *Carteira do artista*. Ed. fac-similada. Lisboa: Arquimedes. (1ª ed. 1898), 2007.
- BRAGA, Alberto Vieira, *Curiosidades de Guimarães - V, Teatro Vimaranesense I*. Revista de Guimarães, 46. Guimarães, Guimarães, 1936, pp. 231-252.
- BRAGA, Alberto Vieira, *Curiosidades de Guimarães - V, Teatro Vimaranesense II*. Revista de Guimarães, 47. Guimarães, Guimarães, 1937, pp. 30-74.
- BRITO, Francisco, Guimarães entre 1853 e 1901: um apontamento político e social, *Boletim de Trabalhos Históricos*, série III, vol. III, Guimarães, 2014, pp. 50-97.
- CASTILLO, José Romero. *Teatro Español: siglos XVIII-XXI*. Madrid, UNED, 2015.
- CALDAS, António José Ferreira, *Guimarães, apontamentos para a sua História*, 2.ª edição, Sociedade Martins Sarmiento/Câmara Municipal de Guimarães, Guimarães, 1996.
- CUNHA, Paulo, “Espaços de exibição de cinema em Guimarães: O caso do Cine-Teatro Municipal (1935)”, *Boletim de Trabalhos Históricos*, série III, vol. II, Guimarães, 2013, pp. 116-128.
- FERREIRA, Licínia Rodrigues. *O Teatro da Rua dos Condes 1738-1882*. Dissertação de doutoramento em Estudos de Teatro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.
- FILIPPE, Guilherme. *O Gosto Público que sustenta o Teatro. Subsídios para o estudo da vulgarização do pensamento teatral oitocentista em Portugal Volume 2*. Dissertação de doutoramento em Estudos de Teatro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.
- FILIPPE, Guilherme. “Actores errantes de oitocentos”, *Sinais de Cena*, pp. 123–131. <https://doi.org/10.51427/cet.sdc.2009.0062>
- HENRIQUES, Bruno. *Teatro D. Fernando: um teatro de curto prazo*. Dissertação de mestrado em Estudos de Teatro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.
- LOBATO, Gervásio, “O Actor Pinto de Campos”, *O Occidente - Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, 12.º ano, vol. 12, n.º 365, Lisboa, pp. 37-38.
- LOPES, Judite Conceição Afonso. *Teatro Aveirense*. Dissertação de mestrado em Estudos de Teatro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008.
- LOUREIRO, José Pinto. *O Teatro em Coimbra. Elementos para a sua História*. Coimbra: Ed. Câmara Municipal, 1959.
- MELLO, Luís de Sousa, “Companhias em ‘tourné’”, *Isleña* (8), Jan.-Jun. 1991, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Madeira, pp. 94-97.
- ROSA, Daniel. *O Bairro Teatral: Recreio da Vida Portuense*. Dissertação de doutoramento em Estudos de Teatro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013.
- ROSINHAS, Isabel. *O Teatro Baquet – da fundação às cinzas (1859-1888)*. Dissertação de mestrado em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.
- TEMES, José Luís. *El Siglo de la Zarzuela (1850-1950)*. Ediciones Siruela, S.A. Madrid: 2014.

VASQUES, Eugénia. *Espaços Teatrais da Lisboa do Barroco aos séculos XVIII e XIX*. Escola Superior de Teatro e Cinema, Coleção História do Teatro Português nº 1, Amadora, 2009

VASQUES, Eugénia. *Para a História da Encenação em Portugal*. Lisboa, Sá da Costa, 2011.

VASQUES, Eugénia. *A Escola de Teatro Do Conservatório (1836-1911). Contributo para uma História do Conservatório de Lisboa*. Gradiva, Lisboa, 2012.

Manuscritos

Actas da Sociedade Patriótica Vimaranesa, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 10-9-6-8.

FARIA, João Lopes de, *Documentos Copiados*, manuscrito da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, Vol. II.

FARIA, João Lopes de, *Efemérides Vimaranesas*, manuscrito da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, 4 volumes.

Livro de Registos de Passaportes, Governo Civil do Distrito da Horta, 1821-1976, disponível em <https://arquivos.azores.gov.pt/details?id=1598085> (consultado online em 6 de Junho de 2022).

Imprensa Periódica

BRACARENSE, O. Braga. Anos consultados: 1855 – 1856

PHAROL DO MINHO, O. Braga. Anos Consultados: 1855

RELIGIÃO E PÁTRIA, Guimarães. Anos consultados: 1862 – 1865

TESOURA DE GUIMARÃES, A. Guimarães. Anos consultados: 1856-1859

VIMARANENSE, O. Guimarães. Anos consultados: 1857 - 1865